

TIERRA DE MIRANDA

Revista do Centro de Estudos
Antônio Maria Mourinho



MIRANDA DO DOURO

2008

Número 3

Inscrição funerária romana de Duas Igrejas

José d'Encarnação *
Mónica Salgado **

Foi identificado, nos inícios do presente mês de Outubro, no cunhal de uma casa em recuperação, o n.º 2 na Rua de Amador, na aldeia de Duas Igrejas (freguesia do concelho de Miranda do Douro, distrito de Bragança), um cipo com inscrição funerária romana. No momento em que redigimos esta nota (31-10-2008), o monumento ainda se mantém no local de achado, pertença de Augusto Oliveira, a quem agradecemos a gentileza de nos haver dado a possibilidade de o estudar.

De granito – de grão muito fino e cor rosada, que não parece ser da região¹ – o cipo, alisado nas suas faces laterais e superior, encontra-se em muito bom estado de conservação, inclusive na retaguarda, aí apenas com vestígios de argamassa da reutilização na parede. Os cantos superior e inferior direito sofreram leves escoriações; também a aresta da direita se apresenta com esborcelamentos ligeiros. A máquina que a levantou do local onde se achava provocou rasgos irrelevantes na face lateral direita. A face superior está alisada, sem vestígios de nenhuma cavidade central.

Dimensões: 156 x 52 x 46 cm.

Campo epigráfico: 156 x 52.

VAL(*erio*) · RVFO / ATTIANO / PROCVLA · ET / RVFINA / ⁵ PATRI / AN(*norum*) · LX
(*sexaginta*)

A Valério Rufo Atiano – Prócula e Rufina ao pai, de 60 anos.

Altura das letras: l. 1 a 5: 8; l. 6: 7. Espaços: 1: 25; 2 a 6: 1,5; 7: 81.

Paginação muito cuidada, segundo um eixo de simetria quase perfeito, a denotar bom conhecimento da lógica textual, na acertada distribuição das palavras por cada uma das linhas (na l. 3, houve a preocupação de apertar o L para que tudo coubesse). Pontuação correcta, por meio de pontos redondos.

Caracteres actuários, mas com evidente influência da capital quadrada no traçado, por exemplo, do O, do A sem barra horizontal visível. Anote-se, além disso: o R feito a partir do P e de perna bem lançada; a simetria do V e do A (nitidamente, um o inverso do outro, dir-se-ia gravados com o auxílio de escantilhão); a barra breve do T; o F grafado com um breve traço vertical paralelo à haste principal, na sua parte superior, uma «forma arcaica», como a define Battle²; N largo e levemente inclinado para diante. Gravação em bisel.

*Professor catedrático do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra. Este estudo enquadra-se no projecto de investigação «Epigrafia e Imagens da Antiguidade e Época Medieval», do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (Unidade I&D 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia)

** Mónica Salgado, arqueóloga, actividade que desenvolve no seio do Gab. Técnico Local da Câmara Municipal de Miranda do Douro.

¹ O material mais correntemente usado pelos romanos para os monumentos da região foi, sem dúvida, a brecha de Santo Adrião: cf. Milagros NAVARRO CABALLERO, «Las estelas en brecha de Santo Adrião: observaciones tipológico-cronológicas», *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, LXIV, 1998, p. 175-206.

² BATTLE HUGUET (Pedro), *Epigrafia Latina*, Barcelona, ²1963, p. 12.

Se bem que estejamos perante um texto funerário, a forma escolhida para o acolher, o cipo, dá-lhe uma conotação honorífica, acentuada, aliás, pelo uso do dativo no nome do defunto e pela ausência de fórmulas funerárias. Ou seja, é um epitáfio, mas poderia não ter sido colocado, obrigatoriamente, sobre a sepultura. Esta é, como se sabe, uma forma indirecta de a família poder homenagear o seu ente querido, sem ser em contexto estritamente funerário. Aliás, quiçá também por isso se omite qualquer adjectivo a qualificar o pai (postular-se-ia, em contexto funerário normal, algo como *pientissimo*, «modelo de piedade») e apenas se mencione – arredondada em lustros – a idade com que faleceu: 60 anos seria, na época, uma *profecta* idade. O monumento encontra, de resto, um paralelo perfeito com o cipo, «de granito cor de rosa», que, curiosamente, também serviu de cunhal «na parede da residência paroquial de Duas Igrejas, convertida em escola primária», referido pelo Abade de Baçal e retomado pelo Padre António Maria Mourinho³. Guarda-se no Museu da Terra de Miranda e mede 99 x 56 x 56, estando dedicado a Silvano, filho de Apílico, sem outros dizeres mais⁴. Neste há porém, no topo, «uma fissura funda de *forfex*», «que deve ter servido para colocar um busto ou estátua ou pirâmide honorífica de pedra ou bronze», acrescenta A. M. Mourinho (p. 35).

Deteria, pois, o defunto alguma importância local. Identifica-se com o gentílico em abreviatura, não se indica o seu eventual *praenomen*, e, em contrapartida, tem dois cognomes: *Rufus* e *Attianus*. Pela terminação deste último em *-anus* – a indicia formação a partir do gentílico *Attius*⁵ – seríamos tentados a pensar que poderia ter sido adoptado por uma família *Attia*⁶; contudo, esta forma de identificação (ausência de *praenomen*, gentílico abreviado, dois *cognomina*) aponta para uma cronologia de finais do século II, inícios do III da nossa era, o que, à primeira vista, poderia parecer em contraste com as características paleográficas – 'arcaicas' – do monumento. Acresce a isso o facto de as filhas se identificarem apenas pelo *cognomen*, o que também apontaria para os primórdios da época romana. Preferimos, ao invés, integrar a epígrafe no movimento, hoje já reconhecido, de 'voltar às origens', que se verificou após o esplendor do século II e as dificuldades surgidas com a ameaça 'bárbara' no Império⁷.

Toda a onomástica patente na epígrafe é, por conseguinte, perfeitamente latina e sobejamente documentada na Hispânia romana⁸, devendo registar-se o facto de o nome de uma das filhas, *Rufina*, ser o diminutivo do *cognomen* paterno, *Rufus*, o que constitui mais uma prova da total integração nos esquemas onomásticos romanos. Confirma-se, com estes dados, o que já Alain Tranoy afirmou acerca da eficaz penetração da onomástica latina no território da *Asturia-Callaecia*⁹.

³ Vide MOURINHO (António Maria), «Epigrafia latina de entre Sabor e Douro desde o falecimento do Abade de Baçal – 1947», *Brigantia* VI (1-3), p. 3-36, concretamente para esta inscrição nas p. 34-35. Destas epígrafes se dá conta em HEp 3 1993, sob os números 430-456.

⁴ CIL II 5660 = HEp 3, 1993, 445 = AE 1987, 585. Concordamos com o editor de *L'Année Épigraphique*: a inscrição – como se pode ver pela foto que o P^e Mourinho apresenta, só tem duas linhas, com a identificação do homenageado. A 3^a linha, que já o Abade de Baçal não vira e que António Mourinho diz vislumbrar, com as letras SD, não é viável.

⁵ Recorde-se que temos registo de um *C. Attius Attianus Rufinus Seiliensis*, em Tomar, cujo pai é *Attius Rufus* (ILER 5453 e 4209).

⁶ Não cremos aplicável a este caso a possibilidade, apontada por Santos Crespo, de estarmos perante indivíduos de origem servil: cf. CRESPO ORTIZ DE ZARATE (Santos), «Doble *cognomen* em *-anus/-ianus* como forma de filiación en el régimen esclavista», *Homenaje al Professor Presedo*, Sevilha, 1994, 365-374. Aliás, o próprio autor confessa serem «escassíssimos na Hispânia» «os indivíduos de origem servil que utilizaram como filiação a fórmula de um segundo *cognomen* em *-anus/-ianus* como reminiscência da onomástica do seu *dominus*» (*ibidem*, p. 373).

⁷ O exemplo já «clássico» que se costuma apontar, para a Lusitânia romana, é o do edil *Vegetus Talabari f(i)lius* referido num texto datado do consulado de Presente e Extrincato, ou seja, do ano 217 d. C.: cf. GUERRA (Amílcar), «Uma importante epígrafe proveniente do Cabeço do Crasto (S. Romão, Seia)», *Actas do I Congresso Arqueológico de Viseu*, Viseu, 1989, p. 425-430.

⁸ Cf. ABASCAL PALAZÓN (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994: de *Valerius*, registavam-se, ao tempo em que o livro foi preparado, 718 testemunhos, número que dava a este nome o 2^o lugar no rol dos gentílicos representados, depois do vulgaríssimo *Iulius*, sendo, por isso, amiúde grafado abreviadamente (p. 29 e 232-244). *Rufus*, por seu turno, ocupa, também ele, o 2^o lugar dentre os *cognomina*, com 203 casos (o 1^o é *Severus*, com 258) (p. 31 e 487-490); de *Attianus*, 6 testemunhos (p. 290); de *Proculus*, 148, a ocupar o 7^o lugar na frequência de testemunhos de cognomes (p. 31 e 471-472); e de *Rufinus*, 163, o que lhe dá o 5^o lugar (p. 31 e 485-487).

⁹ Cf. TRANOY (Alain), *La Galice Romaine*, Paris, 1981, p. 363-4, citando, para esta zona, 42 *Valerii*, 7 *Attii*, 19 *Proculi*, 35 *Rufi* e 22 *Rufini*.

Há, todavia, um outro aspecto importante a salientar: é que essa é uma onomástica bem presente no território hoje pertencente ao concelho de Miranda do Douro. Assim, uma estela funerária de Picote, hoje no Museu de Bragança, é dedicada por V · RVFINA a *Fronto*, que vem identificado como liberto de *Rufus Attianus*!¹⁰ E também aí o F está grafado como na epígrafe que estamos a analisar. Por isso, pensamos que é de reconstituir o V como VALERIA e não como VXOR, a proposta do Abade de Baçal¹¹ – e podemos estar, de facto, perante uma das filhas de Atiano. Por outro lado, temos ainda, no Picote, um *Attianus Rufus* a dedicar uma inscrição à mulher, Flaccilla, filha de Flaccus (HEp 3, 1993, 452 = AE 1987, 570). E documenta-se, na vizinha Rabanales (Zamora), um *Attianus Rufus* a prestar homenagem ao pai, *Val(erius) Rufinus* (ILER 3894).

Estamos, pois, tentados, a incorporar todos estes indivíduos na mesma família: *Valerius Rufinus* poderá ser o pai do Valério Rufo Atiano da inscrição que nos ocupa; este casou com Flacila, de quem teve Rufina e Prócula. *Fronto* pode muito bem ter sido liberto do pai de Rufina, ainda que a sua identificação surja 'trocada' (Atiano Rufo, em vez de Rufo Atiano) nas duas inscrições!

É por de mais conhecida a importância da, já referida, epigrafia romana de Duas Igrejas e, do ponto de vista arqueológico, avultam, de modo particular, os resultados da investigação levada a efeito por Francisco de Sande Lemos¹². Consequentemente, esta epígrafe vem confirmar essa relevância; e o seu estudo documenta, por outro lado, o interesse que há numa redobrada atenção, sempre que se proceda à demolição ou à reparação de uma casa na aldeia, pois outros monumentos epigráficos romanos ali se poderão encontrar, em reutilização.



Epígrafe.

O monumento total.

A inscrição.

O cipo: na totalidade, face anterior, pormenor da inscrição.

¹⁰ Veja-se A. TRANOY, o. c., pl. XII b. É a inscrição EE IX 292a = ILER 4986.

¹¹ Vide ALVES (Francisco Manuel), *Guia Epigráfico do Museu Abade de Baçal*, Bragança, 1976, n.º 31 (p. 66-67).

¹² Na sua tese de doutoramento, não publicada: *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*, Universidade do Minho, Braga, 1993. No vol. IIa – *Catálogo*, dedica ao concelho de Miranda do Douro as p. 200-243. Lembra que «em Duas Igrejas, o povoado romano se conserva na periferia da aldeia» (p. 202), dando conta, nas p. 215-218, das epígrafes ali encontradas, das quais, conclui, «emerge uma população que, embora de origem indígena, adopta significativos nomes e cognomes latinos».